



Bolsas	Pontuação B3	Dólar	Salário mínimo	Euro	CDI	CDB	Inflação
Na quinta-feira	IBovespa nos últimos dias	Na quinta-feira	Últimos	Comercial, venda na quinta-feira	Ao ano	Prefixado 30 dias (ao ano)	IPCA do IBGE (em %)
1,35% São Paulo	186.464 188.534	11/fevereiro 5,187 12/fevereiro 5,200 13/fevereiro 5,229 18/fevereiro 5,240	R\$ 1.621	R\$ 6,150	14,90%	14,78%	Setembro/2025 0,48 Outubro/2025 0,09 Novembro/2025 0,18 Dezembro/2025 0,33 Janeiro/2026 0,33
0,54% Nova York	12/2 13/2 18/2 19/2	(- 0,26%)					

CRESCIMENTO ECONÔMICO

Prévia mostra PIB mais fraco em 2025

Queda de 0,2% do IBC-Br em dezembro sinaliza que economia perdeu tração e leva indicador do BC a fechar o ano em 2,5%

» RAPHAEL PATI

O Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) registrou um crescimento de 2,5% em 2025 após recuar 0,2% em dezembro, de acordo com os dados divulgados pela autoridade monetária na manhã de ontem. Considerado como a “prévia do Produto Interno Bruto (PIB)”. Apesar do recuo em relação ao mês anterior, a última apuração mensal do IBC-Br registrou um ganho de 3,1% na comparação com o mesmo período do ano anterior. O indicador oficial será divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 3 de março. Ao excluir o setor agropecuário, o índice do BC acumulou alta de 1,8% no ano. Sozinho, o indicador da agricultura e pecuária avançou 13,05% em 2025. O peso desse setor no IBC-Br, no entanto, é de apenas cerca de 5%, bem abaixo de indústria (20,9%) e serviços (59,2%). A taxa acumulada pelo IBC-Br da indústria fechou o ano em 1,45%, ao passo que o índice de serviços encerrou o mesmo período em 2,06%, após registrar um leve recuo em dezembro. Além disso, o indicador de impostos, que representa os tributos líquidos sobre produtos do PIB, ficou em 1,24%. No trimestre móvel encerrado em dezembro, o IBC-Br cresceu 0,4% na comparação com os três meses anteriores. Nesse período, o índice do setor agropecuário cresceu 2,8% ao passo que a indústria caiu 0,2%. Já os serviços avançaram 0,5%, enquanto que os impostos subiram 0,3%. O recuo do índice em dezembro confirma que a economia perdeu tração no fechamento do ano, especialmente depois de um avanço forte de novembro, na

visão de Sidney Lima, analista da Ouro Preto Investimentos. “A fraqueza industrial dialoga com um ambiente global mais desafiador, com China ainda irregular e commodities metálicas sob pressão, o que tem impacto direto em empresas como Vale e na dinâmica do Ibovespa (Índice da Bolsa de Valores de São Paulo)”, comenta o especialista. Lima destaca ainda que, para o mercado, o resultado mais fraco do IBC-Br diminui os riscos de um novo aumento da inflação. “O cenário segue de expansão moderada, com maior seletividade setorial. Em renda variável, isso significa foco em empresas com valuation mais ajustado, geração consistente de caixa e menor alavancagem, em um ambiente em que juros e commodities continuam sendo as principais âncoras de precificação”, acrescenta.

Histórico

O resultado acumulado nos 12 meses do ano passado mostram a diferença em relação ao que ocorreu em 2024, quando o índice do Banco Central avançou 3,8% — o melhor resultado desde 2021, quando a economia se recuperou de um ano traumático marcado pela pandemia de Covid-19. Apesar de ser considerada uma prévia do PIB, o resultado do IBC-Br tem se distanciado da atividade econômica oficial. No ano passado, por exemplo, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelou um crescimento de 3,4% na economia brasileira — abaixo do número divulgado pelo BC. Apesar de sinalizar uma perda de ritmo na atividade, o IBC-Br não indica uma reversão de tendência, na visão do diretor da Bossa Invest, Antonio Patrus. “Para o mercado, essa combinação de atividade

Sinais de desaceleração

Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) em dezembro confirmou tendência de queda do ritmo de crescimento do país, enquanto mercado espera início do corte de juros

IBC-BR ACUMULADO ANUAL

Em %



mais moderada e inflação em processo de ajuste pode fortalecer a precificação de cortes da Selic ao longo do ano, melhorando o ambiente para ativos de risco, ainda que o cenário externo, com um Fed (Federal Reserve, o banco central dos EUA) mais conservador, limite

movimentos mais agressivos”, considera. Já o economista e CEO da Super-ETF Educação, Fábio Murad, acredita que o resultado deve causar uma repercussão na curva de juros, com chance de alívio nos títulos com vencimentos curtos, se

a leitura for de atividade mais fraca e inflação em trajetória melhor. No caso das ETFs, que representam fundos de investimentos ligados à bolsa de valores, ele espera que os investidores apostem mais em índices ligados a juros. “Em projeção de PIB, (o



“A fraqueza industrial dialoga com um ambiente global mais desafiador, com China ainda irregular e commodities metálicas sob pressão, o que tem impacto direto em empresas como Vale e na dinâmica do Ibovespa”

Sidney Lima, analista da Ouro Preto Investimentos.

resultado do IBC-Br) reforça a necessidade de revisar cenários com base em sequência, não em manchete, e aumenta a chance de ajustes marginais no crescimento do fim de 2025 e nas estimativas para o começo de 2026. ETFs ajudam a atravessar esse tipo de transição de ciclo sem depender de uma única aposta”, sustenta.

Política monetária

O IBC-Br foi criado em março de 2010, com o objetivo de acompanhar a evolução da atividade econômica do país em um prazo mais curto do que o PIB, do IBGE, que é trimestral. De periodicidade mensal, o indicador tem o objetivo de contribuir nas análises para a estratégia de política monetária, de responsabilidade da autoridade monetária.

Apostas são de queda de 0,5 ponto percentual na Selic

» ROSANA HESSEL

O resultado do IBC-Br de dezembro apresentou desaceleração em relação ao dado mensal de novembro, quando houve alta de 0,4%, e, com isso, contribui para o aumento das apostas de corte de 0,5 ponto percentual na taxa básica da economia (Selic), atualmente em 15% ao ano, maior patamar desde julho de 2006, a partir de março, em vez de uma queda menor, de 0,25 pontos-base. Analistas ressaltam o processo de desaceleração na economia devido à política monetária restritiva do Banco Central. Alberto Ramos, do Goldman Sachs, destacou que esses dados compostos no relatório revelam um desempenho de 0,1% no PIB do primeiro trimestre de 2026. “Para o futuro, esperamos que a atividade real continue a se beneficiar das transferências fiscais federais para famílias de baixa renda com alta propensão ao consumo, da expansão da renda disponível real das famílias, tanto do trabalho quanto de outras fontes, do novo programa de empréstimos com garantia de folha de pagamento e do

aumento do limite de isenção do imposto de renda; fatores atenuados por condições monetárias e financeiras domésticas restritivas, altos níveis de endividamento das famílias e baixos níveis de ociosidade econômica”, escreveu Ramos. Ele ressaltou que o crescimento da renda disponível real bruta das famílias acelerou para 5,5%, em relação ao ano anterior em dezembro, (4,4% em relação ao ano anterior em dezembro), o que, aliado a um cenário de mercado de trabalho robusto, deve sustentar os gastos nos próximos meses. “O IBC-Br apresentou um crescimento robusto em 2025, sustentado, principalmente, pelo setor de serviços e pelo desempenho muito forte da agropecuária, em virtude da safra recorde do ano passado. De todo modo, a análise dos dados sugere uma tendência de acomodação a partir do segundo semestre de 2025, que corrobora a nossa expectativa de desaceleração gradual da economia brasileira”, destacou o economista-chefe da G5 Partners, Luis Leal. Ele prevê estabilidade no PIB do quarto trimestre de 2025, o que garantirá um crescimento de 2,2% no PIB do ano passado, pelas estimativas dele.

Ed Alves/CB/D.A Press



Para analistas, queda do IBC-Br contribui para o afrouxamento monetário

Projeção da Fazenda

Recentemente, o Ministério da Fazenda elevou de 2,2% para 2,3% a expectativa de expansão do PIB de 2025, conforme o relatório MacroFiscal elaborado pela Secretaria de Política Econômica (SPE). Para 2026, a estimativa da pasta chefiada pelo ministro Fernando Haddad é de crescimento parecido, de

2,3%, abaixo da previsão anterior, de 2,4%, especialmente pela desaceleração do impacto da agropecuária, que passará de 11,3%, em 2025, para 0,5%, neste ano. O economista Arnaldo Lima, da Polo Capital Management, por sua vez, destacou que o dado do IBC-Br na margem confirma a perda de fôlego da atividade econômica, especialmente do setor de serviços,

que representa quase 50% da composição do indicador, e, portanto, corrobora para o início do ciclo de corte da Selic na próxima reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), em março. “A evidência de desaceleração da atividade, observada de forma mais clara nos dados de alta frequência do quarto trimestre e confirmada pelo IBC-Br, ocorre em um contexto em que o Banco Central tem enfatizado postura dependente de dados na condução da política monetária, acompanhando de perto o processo de moderação do crescimento e de convergência gradual da inflação à meta”, destacou Lima. Segundo ele, o resultado do IBC-Br de dezembro reforça a redução de 0,5 ponto percentual na Selic na reunião de março e de taxa terminal em 12%, “ligeiramente mais otimista do que a trajetória implícita no Focus, que aponta para 12,25% ao fim de 2026”. Sergio Vale, economista-chefe da MB Associados, é mais cauteloso e espera uma taxa terminal maior em agosto, de 13%, porque a chance é grande de o Copom parar nesse patamar para

“aguardar o desenrolar do cenário político”, que, neste ano, tem eleições presidenciais em outubro e, portanto, haverá muita volatilidade nos mercados. Pelas projeções de Vale, o Banco Central manterá os juros básicos em 13% até dezembro e um dos principais indicadores que seguirão monitorados pelos diretores da autoridade monetária é mercado de trabalho, que segue aquecido e contribui para reduzir o impacto da política monetária na atividade. “A economia ainda está resiliente dando sinais de que o trabalho do BC de desaceleração será árduo ainda. E isso demandará uma Selic alta durante um bom tempo ainda”, explicou Vale, em entrevista ao **Correio**. Segundo ele, o IBC-Br, de certa forma, confirma isso com um crescimento no último mês do ano de 3,1% na comparação anual, “mesmo com a leve queda na margem”. “Câmbio e alimentos podem ajudar marginalmente, mas bem menos do que foi no ano passado. A consequência em ano eleitoral é que o Banco Central estará sozinho (no combate à inflação)”, acrescentou.